



ISSN: 2595-5713
Vol. 04 | N°. 7 | Ano 2021

João Batista Teixeira
Francisca Zuleide D. de Souza

A CRÍTICA COLONIAL NAS OBRAS DE UNGULANI BA KA KHOSA: “GUNGUNHANA, ORGIA DOS LOUCOS E ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS”

COLONIAL CRITICISM IN UNGULANI BA KA KHOSA'S LITERARY WORKS:
“GUNGUNHANA, ORGIA DOS LOUCOS AND ENTRE AS MEMÓRIAS
SILENCIADAS”

RESUMO: Refletindo sobre a escrita de Ungulani Ba Ka Khosa em destaque nas obras *Gungunhana*, *Orgia dos loucos* e *Entre as memórias silenciadas*, a crítica colonial se faz presente nas construções das personagens e dos tempos ficcional e histórico na atual literatura moçambicana, a qual encena na sua ficção a história de Moçambique em seus aspectos da tradição e contemporaneidade. Sendo uma nação diversa na sua construção sociocultural e com um passado de violenta colonização, Moçambique ainda experiencia os caminhos e descaminhos de recente independência e descolonização. As obras em destaque nesta discussão, ficcionalizam alguns eventos da história dos moçambicanos, os quais figuram nos romances de Khosa através da recriação da queda do Império de Gaza e do seu último imperador, assim como das narrativas obliteradas e sobre as quais o autor expõe num quadro de uma literatura que permite audibilidade às vozes historicamente silenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana, crítica colonial e Ungulani Ba Ka Khosa.

ABSTRACT: Reflecting about the writing of Ungulani Ba Ka Khosa highlighted the literary Works *Gungunhana*, *Orgia dos loucos* and *Entre as memórias silenciadas*, the colonial criticism is present in the construction of characters and fictional and historical times in current Mozambican literature in its aspects of tradition and contemporaneity. Being a diverse a diverse nation in its sociocultural construction with a past composed by a violent colonization, Mozambique still experiences the ways and embezzlement of a recent Independence and decolonization. The literary works highlighted in this discussion fictionize some events in the history of Mozambicans, in which appear in Khosa's novels through the recreation about the fall of the Gaza Empire and its last emperor, as well as the extinct narratives and about the author exposes in a framework of a literature that permits audibility to historically silenced voices.

KEY WORDS: Mozambican Literature, colonial criticism and Ungulani Ba Ka Khosa.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Alexandre António Timbane
alexandre.timbane@unilab.edu.br

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

A CRÍTICA COLONIAL NAS OBRAS DE UNGULANI BA KA KHOSA: “GUNGUNHANA, ORGIA DOS LOUCOS E ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS”

João Batista Teixeira¹

Francisca Zuleide Duarte de Souza²

Introdução

Motivados pela crítica colonial e estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, na intenção de investigar e pesquisar aspectos da crítica colonial e pós-colonial nas obras *Entre as memórias silenciadas* (2013), *Gungunhana* (2018) e o livro de contos, *Orgia dos loucos* (2016) do escritor moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, nos propomos a refletir sobre a atual literatura moçambicana e sua relação com a história e a memória, princípios fundantes das narrativas e que alimentam a cultura de um povo.

Ao selecionar as obras de Khosa, o fazemos pela importância que a ficção de Ungulani Ba Ka Khosa representa para Moçambique e para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, como referência à ficcionalização da história desse país, assim como também ao que alguns autores referendam como moçambicanidade, tema em debate em outros ficcionistas contemporâneos ao autor aqui em apreciação.

Ba Ka Khosa é escritor de uma vasta produção que retrata desde a violência da colonização ao mal-estar que também irá se manter no pós-independência, quando o autor ficcionaliza situações de perda de direitos civis e isolamento nos temidos campos de reeducação, assim como o desencanto da população de um país recém-liberto ao se verem presos à violência policial. Suas obras funcionam como uma cartografia de Moçambique nos períodos colonial e pós-independência, convocando o leitor à visita aos seus textos, os quais diluem os personagens em vozes que dizem da violência que pode perpassar sistemas e muitas vezes se manter com outros estratagemas a aprisionar indivíduos e vontades.

Destacamos o que informa Hilary Owen acerca da obra de Khosa:

O romance *Ualalapi* (1987) de Ungulani Ba Ka Khosa organiza-se, de forma já sobejamente conhecida, em torno de Ngungunhane, o imperador de Gaza, do século XIX, derrotado e capturado pelos portugueses durante a campanha conhecida como a “Pacificação de Gaza”, que fez do general português Mouzinho de Albuquerque um herói Nacional. Na sua abordagem pós-moderna da historiografia portuguesa dominante do Império, *Ualalapi* já há muito se

¹ João Batista Teixeira – Mestre e Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba. Docente da Faculdade do Maçico de Baturité - poesiateixeira@gmail.com

² Francisca Zuleide Duarte de Souza - Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente permanente da Universidade Estadual da Paraíba e do PPGLI – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Líder do Grupo de Pesquisa: Literatura e Cultura Africana, Afro-brasileira e da Diáspora/UEPB/CNPq zuleide.duarte@hotmail.com

estabeleceu como um clássico da literatura moçambicana na medida em que, além de tudo o mais, oferece uma crítica paralela, ainda que velada, das tendências imperialistas e totalitárias do primeiro presidente moçambicano da era pós-independência, Samora Machel. Tal como foi largamente discutido por autores diversos, o conceito de nacionalidade de Samora Machel aproveitou em certa medida das mitologias associadas a Ngungunhane não só como o herói da resistência Nguni, mas também como unificador por subjugação dos grupos étnicos vizinhos do Sul, e especificamente os chopos (OWEN, 2010, p. 44).

Em seu projeto literário os temas em destaque elaboram um mosaico da história e tradição com uma ficção que se volta à violência da colonização de Moçambique e as suas consequências, assim como os conflitos internos e as formas de silenciamentos já impostas na colônia e que se ressignificam no pós-independência, tais aspectos podem ser verificados nas obras de Khosa, *Ualalapi* (1987), Associação dos escritores moçambicanos; Nandyala – 2013, *Orgia dos loucos* (1990), Associação dos Escritores moçambicanos; Kapulana – 2016, *Histórias de amor e espanto* (1993) INLD, *No reino dos abutres* (2002), Imprensa universitária, *Os sobreviventes da noite* (2005), Texto editores, *Choriro* (2009), Sextante, *O rei mocho*(reconto), Escola portuguesa de Moçambique; Kapulana – 2016, *Entre as memórias silenciadas* (2013), Alcance Editores, *Gungunhana: Ualalapi e As mulheres do imperador*(2018) Kapulana.

Sua ficção nos informa sobre a literatura pós-colonial no sentido de elaboração de uma crítica ao pensamento colonial e se comprometer em ficcionalizar fatos e situações, muitas vezes considerado tabu ou pouco mencionado por outros autores, como a implementação da reeducação em campos no pós-independência, o que faz em projeto literário Ungulani Ba Ka Khosa de forma a registrar ou recuperar pela escrita literária uma parte da história do seu país que impôs violência e vergonha aos seus cidadãos na chamada “Operação produção” e implementação dos já citados campos para os banidos da sociedade.

À pesquisadora brasileira, Vanessa Rimbau Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba, Khosa responde sobre a relação entre a formação da nação moçambicana e as narrativas literárias:

Pergunta difícil de responder principalmente para minha geração: eu pertencço a uma geração que nasceu na literatura após a independência, uma independência recente. Na minha geração colocou-se que tipo de narrativa faríamos quando começamos com atividade literária. É porque logo após a independência houve mais uma pretensão ideológica do que literária, houve a tentativa de se impor uma narrativa mais no campo da poesia porque era o gênero dominante, uma poesia de combate como resultado da guerra pela libertação, a chamada poesia de combate que imperou nos primeiros anos da independência por um lado; por outro lado, nesses primeiros anos da independência houve uma espécie de - eu não diria de declínio, mas as grandes figuras da literatura (eu falo de Rui Knopfli, eu falo de ensaístas como Eugénio Lisboa e tantos outros se assumiam na literatura e nós depois os reivindicamos mais tarde como o grupo Charrua). Esses migraram, saíram do país, e houve nessa altura uma tentativa, no quadro

do nacionalismo muito estreito, de rejeitar, de certo modo, esses poetas como se pertencessem a uma outra galáxia (PINHEIRO, 2021, p. 206).

Ungulani Ba Ka Khosa em suas colocações, deixa a entender a não necessidade de apoiar-se em um projeto literário que se responsabiliza em fornecer ou estruturar uma única identidade e nesse sentido não houve espaço para quem não se alinhasse ao nacionalismo radical.

A literatura deste escritor moçambicano rompe com esse modelo acima descrito ao tratar de temas ligados à insatisfação com a violência colonial em *Gungunhana – As mulheres do imperador* (2018), quando as mulheres do destronado imperador do reino de Gaza, retornam à Moçambique colonial em 1911, sendo expostas como pessoas sem prestígio algum, não levando em conta que tenham sido mulheres de um imperador, são tratadas como viajantes de segunda categoria e com tratamento desumano.

Com a mesma narratividade sobre a qual constrói e recupera a história do último imperador do Reino de Gaza, Ungulani Ba Ka Khosa vai para o pós-independência e visibiliza via ficção a história dos primeiros anos de descolonização e também da implementação da “reeducação” em Moçambique pós-libertação, como um processo político o qual violou direitos, causou danos e mortes aos moçambicanos.

Temos a crítica colonial na ficção do Khosa, quando em seus personagens somos convocados a conhecer um território devassado pela colonização portuguesa, guerras civis e outras formas de violência orquestradas ora pelo colonizador, e em outros momentos por quem na independência deveria gerir políticas de igualdade e meios para que os moçambicanos se autoafirmassem, agiu de forma contrária provocando um cotidiano de medo e violência: “Esta violência nunca foi incluída na auto-representação da modernidade ocidental porque o colonialismo foi concebido como missão civilizadora dentro do marco historicista ocidental nos termos do qual o desenvolvimento europeu apontava o caminho ao resto do mundo [...] (SANTOS, 1999, p. 27-28).

O colonialismo operou e trouxe aos colonizados um sentimento de inferioridade pela questão racial, pelos modelos “europeus” “civilizatórios” e isso causou danos irreparáveis aos moçambicanos de uma forma geral.

A colonização violou as subjetividades e modos de ser de um povo que, pertencentes à múltiplas identidades e tribos, se viram obrigados pelo governo colonial a se curvarem e negarem seus valores políticos e culturais, e isso também informa sobre a incapacidade de compreender a dimensão das inúmeras culturas existentes no continente africano:

Em síntese, e em face das diferentes posições que temos aqui cotejado, a colonialidade literária significa, no essencial; reação do europeu perante um meio e seres que lhe são estranhos; sobreposição de um ponto de vista eurocêntrico; escrita cujos autores não

abdicam da sua identidade cultural; instituição de relações de poder dominadores/dominados; expressão de um relativismo cultural pendularmente etnocêntrico e limitação da capacidade interpretativa do Ocidente (NOA, 2009, p. 49).

No entanto o europeu subalternizou a cultura e os costumes do colonizado, baseando-se no limitado conhecimento da cultura e sociedades africanas, o que não impediu a violência colonial, impor danos aos povos colonizados, passa a compor esse quadro que oferecia ao colonizador mão de obra barata, escravidão e desrespeito, gerando uma das mais horrendas histórias de invasão e apropriação indevida dos espaços já ocupados por seus legítimos donos, em suas organizações e estruturas sociais, políticas, religiosas e culturais.

Já o pós-colonialismo surge como estratégia cultural e discursiva que se opõe ao pensamento colonial e convoca as vozes subalternizadas a serem uma base para a construção da literatura que dirá de outros discursos, ficcionalizará eventos traumáticos para que não esqueçamos quem os promoveu e com quais intenções e se caracteriza por:

O termo *Pós-colonialismo* pode entender-se como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando em um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso dos textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo (LEITE, 2013, p.11).

Essa literatura pós-colonial surge como uma força que lhe garante o espaço no mundo editorial também fortemente marcado pela cultura do colonizador. Os textos se organizam a partir de outros discursos e autores como Ungulani Ba Ka Khosa e são expoentes dessa geração em Moçambique, quando escreve e descreve em sua escrita literária aquilo que a colonização maculou e a todo custo quis destruir.

1.A Crítica Pós-colonial em Ungulani Ba Ka Khosa

Temos a partir da ficção de Ungulani Ba Ka Khosa a presença de uma escrita pós-colonial pelo fato de a mesma se construir pela presença de narradores e personagens que se mostram deslocados da nação e de quem a governa.

Se o passado colonial evoca memórias de dor e humilhação, o presente no pós-independência sugere que não houve a tão sonhada liberdade para todos o que passa também a se configurar uma das características mais impactantes do texto literário de cunho pós-colonial, texto que diz das situações indigestas, dos excessos e planos de mudança de atitudes frustradas e falidas do ponto de vista político nas novas independências:

Com a presença dos sujeitos pós-coloniais, efeito de expansão global do capital, fruto do processo de colonização e das lutas de independência nacionais, em como das guerras étnico-civis em países do chamado Terceiro Mundo, os estudos de literatura recebem um novo impulso. A crítica pós-colonial dá testemunho disso ao indagar acerca das diferenças culturais e dos processos de hibridização como fator epistêmico na compreensão das nações e comunidades. Uma nova dinâmica disciplinar ocorre ao se inserir em sua matéria metodológica tais categorias, acrescidas, ainda, das noções de viagem, diáspora, exílio e migração (FORNOS, 2013, p. 5).

A crítica pós-colonial ocupa lugar de destaque, já que se coloca como espaço de discursos não ditos e obliterados pelas instâncias de poder colonial:

Num tempo distópico, atravessado pelo desencanto e pela perda da inocência, o tempo pós-colonial, Memória e História são agora matrizes do novo discurso da identidade cuja topologia passa também pela revitalização de um passado e o questionamento de um passado mítico, construído sobre uma mística do heroico e do épico, em que radica o discurso nacionalista (MATA, 1999, p. 253).

Pela literatura pós-colonial que se faz nos países independentes, sua construção revisiona os espaços de poder e constrói novas perspectivas ao dizer, via ficção, discursos que não são bem recepcionados pelo fato que podem macular as figuras herdeiras da colonização que ainda figuram em cargos públicos e não podem ser citadas em eventos vergonhosos.

Isso podemos verificar a partir da construção dos contos em *Orgia dos loucos* (2016):

“Orgia dos Loucos”, livro publicado pela primeira vez em 1990, funciona como uma lente que aproxima o leitor de uma outra face da realidade moçambicana nos anos que se seguiram à Independência do país e, sobretudo, das vivências de representantes do povo moçambicano que foram atravessados pelos acontecimentos históricos da época, suas experiências com a guerra, com a economia fragilizada e com o embate entre o contexto social anterior e o dever de uma nova era que se propunha a realizar a utopia sonhada por aqueles que travaram batalhas contra o seu antigo opressor. Desse modo, é notável que Ungulani faz uso de uma escrita ficcional socialmente engajada no sentido de expor e tratar das feridas que afligem a nação moçambicana que se encontra em processo de mudanças contínuas ao longo dos muitos anos de conflitos pós-independência (MORAIS, 2020, p. 224-225).

Ungulani Ba Ka Khosa em suas obras inspeciona o passado, revisa o presente e diz dos medos e violências impostos aos moçambicanos quando tiveram o território invadido pelo colonizador e também quando se veem sem as liberdades individuais ao serem banidos para campos de reeducação que nada tinham de espaços para reeducar a nenhum civil moçambicano.

Convocamos para esclarecer essa questão Omar Ribeiro Thomaz:

Nos anos que se seguiram a independência, a ideia da construção do Homem Novo passou a estar diretamente conectada a territórios excepcionais que eventualmente acabaram corporificando a ideia de “campo”. Para os campos de reeducação iriam todos aqueles que, de uma forma ou de outra, traziam consigo ou em si elementos da velha ordem que se desejava eliminar – régulos (autoridades tradicionais), feiticeiros, “comprometidos” (indivíduos sobre quem pesava a suspeita de algum tipo de compromisso com a antiga ordem colonial), prostitutas; para os campos de trabalho todos aqueles que deveriam passar por uma ressocialização marcada pelo trabalho em grandes campos de cultivo (machambas): sabotadores, inimigos, vadios. Em ambos os casos, estavam previstos, e foram realizados, cursos intensivos de “marxismo-leninismo”. (THOMAZ, 2008, p.180).

Entre esses e outros temas, Ungulani Ba Ka Khosa pela sua escrita calcada na memória e história de quem conhece o espaço moçambicano, fornece uma contribuição às Literaturas Africanas de Língua portuguesa, novos caminhos de escritas a despontarem para além do Índico e também um território fértil para a vivência dos Estudos culturais pela literatura.

A Construção de Khosa expando os confinados na reeducação ao falarem de suas vivências e da violência imposta junto ao silêncio em *Entre as memórias silenciadas*, reclamam e apontam para a crítica pós-colonial ao emergirem do silêncio histórico e dizerem de si para futuras gerações de que suas vidas foram riscadas da memória e história, restando-lhe a literatura de ficção, espaço no qual o autor possibilita aos silenciados um lugar de enunciação:

Nós não éramos coisa alguma. Éramos nada. Não tínhamos nada. A nossa fronteira de existência estava entre a humanidade e a animalidade. De dia havia Homens à nossa guarda. À noite éramos entregues às regras da natureza. Estávamos na zona de ninguém. (...) Éramos pessoas sem o palco da existência a que chamam sociedade. (...) a nossa vida estava no limite. (KHOSA, 2013, p. 59).

Ainda sobre o registro de suas vidas e pelas memórias e histórias perdidas, vale destacar:

Amanhã ninguém se lembrará deste macabro gesto de nos atirarem para estes ermos espaços com a finalidade de criarem um homem novo. (...) Ninguém guardará na memória estes tempos falhados. (...) Somos número, carne de abate. Gente sem nome e sem registo. Não há história para nós. Não há memória. (...) Aqui não haverá registo, não haverá testemunhas. Este tempo será de sonho, de ficção. (...) Não haverá memória destes tempos. (KHOSA, 2013, pp. 122-123).

Há nos personagens de *Entre as memórias silenciadas* a coragem de falar do abandono do Estado moçambicano quando os aprisionam em campos de reeducação que registram o autoritarismo sob o qual viveram essas pessoas, prisioneiras e banidas da vida social sem cometerem crime algum.

2.Narrando as vozes e identidades silenciadas

Stuart Hall (2003, p.13) ao dizer que o as identidades não são definidas biologicamente e que o sujeito assume identidades diferentes em momentos e que as mesmas não são unificadas ao redor de um eu coerente, esse pensamento demonstra que não haveria como unificar os moçambicanos em uma única vertente política, cultural e ideológica, privar-lhes da liberdade em campos de confinamento acabou por ser um gesto que maculou e criou um cotidiano de violência e vergonha para uma nação que se descolonizava.

Khosa em sua ficção sinaliza para as “identidades silenciadas” e a partir de seus narradores e personagens, recria e revive a história do seu país, fazendo emergirem traumas de uma nação sobre os quais pouco ou nada se diz abertamente por se tratar de figuras emblemáticas que estão na história da tão sonhada libertação e que estariam ligadas a estruturas de poder para além das questões locais:

A transição para o pós-colonial é caracterizada pela independência do controle colonial direto e pela formação de novos Estados-Nação, por formas de desenvolvimento econômico dominadas pelo crescimento do capital e suas relações de dependência neocolonial com o mundo desenvolvido capitalista, bem como pela política que advém da emergência de poderosas elites locais que administram os efeitos contraditórios do subdesenvolvimento (HALL, 2003, p. 103).

Nessa perspectiva, os Estudos culturais perspectivados na crítica pós-colonial respondem também por um sujeito deslocado em diásporas e exílios, provocados intencionalmente por aqueles que mesmo no pós-independência se reorganizaram para dividirem o poder esquecendo-se da sua cultura e dos compromissos assumidos com os seus na luta anticolonial e por vezes frustrados nas alianças para a manutenção dos favores políticos e pela própria governação.

Ungulani Ba Ka Khosa contemporâneo às lutas de Moçambique seja pela sua libertação em 1975 e nas guerras civis assim como os atropelos de um governo independente que resvalou nas liberdades individuais, recria por sua literatura, leituras e representações agônicas dos moçambicanos que além das estiagens prolongadas e enchentes torrenciais, manifestações de uma natureza animal e vegetal que são contempladas em sua ficção na composição do espaço e das narrativas, também terá o moçambicano que conviver com os deslocamentos populacionais e ausência de uma política pública que ao menos tentasse práticas mais democráticas, ao contrário, passa a cindir a população em “afeitos e camaradas e aqueles que eram considerados inimigos da revolução”.

Vale destacar:

Moçambique, ou República de Moçambique, como é oficialmente designada, foi colônia do Império Português entre 1505 e 1975. Não é por acaso que a literatura moçambicana se desenvolveu em conformidade e depois em conflito com a influência do eurocentrismo; das religiões mundiais, o cristianismo e o islamismo; e do próprio

português, que ainda ofusca as línguas nativas, como o macua, o tsonga, o sena, entre outras. Durante o processo colonial, a aflição dos nativos foi retratada no âmbito textual e literário, abrindo espaço para a construção identitária pós-independência: a moçambicanidade, ou seja, uma característica ou qualidade própria da cultura e do povo moçambicano (SOARES; PARADISO, 2019, p.2).

Moçambique é descrito em suas múltiplas expressões linguísticas e culturais pela ficção de Ungulani Ba Ka Khosa. Sua literatura que narra também com especial interesse os sofrimentos e danos dos excluídos de Moçambique seja pela colonização, guerras civis e ausência de direitos humanos que lhes resguardassem a vida em meio aos escombros de uma nação que se descoloniza.

A literatura pós-colonial ocupa e representa um espaço de desconstrução das verdades impostas pelo poder colonial e também pelos nacionalismos exacerbados, aspectos verificáveis pelo texto ficcional que aponta para os discursos silenciados pelo medo e autoritarismo. Assim, em Ungulani Ba Ka Khosa a visitação à história e à memória de Moçambique confirmam as expectativas em relação ao papel da literatura:

Dentro das humanidades, a literatura ocupa seguramente o lugar ao mesmo tempo emblemático, mas também problemático, pois é aí onde mais se afirmam como elementos estruturantes e incontornáveis, além da ambiguidade e da imaginação, as incertezas, as inquietações, os conflitos, à pluralidade, a diversidade existencial, a não convencionalidade (NOA, 2015, p. 93).

A literatura carrega consigo a multiplicidade de cenários e enredos, nos quais os personagens sob o comando do autor reconfiguram, descontrolam e anulam histórias oficiais ou aquelas de via única de fala e opinião:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2003, p.109).

Quanto aos questionamentos dos seus narradores e personagens a recriarem os espaços em Moçambique colonial e pós-independência, confirma a intenção de Ungulani Ba Ka Khosa de visitar o passado histórico e dialogar com um presente também caótico, característica da Literatura pós-colonial, espaço de dissonâncias e desacordos entre aquilo que o colonizador deixou como herança nefasta e influenciou até mesma na governação no pós-independência nos aspectos de excessos à vigilância dos civis.

Em diálogo tenso com a história do seu país, os textos ficcionais de Khosa destoam da universalização às independências que poderiam sinalizar para reorganizações do território e melhores condições de vida para a população, é justamente o que não é visibilizado e à exemplo sugere-se o romance *Entre as memórias silenciadas* (2013) que narra a vida na reeducação em campos já até esquecidos na floresta e pessoas que nem parecem pertencer àquele país.

A crítica colonial nas obras de Ungulani Ba Ka Khosa: *Entre as memórias silenciadas*, *Gungunhana e orgia dos loucos*, nos compromete a ler e investigar através das obras, as relações da ficção de Khosa com a crítica colonial e pós-colonial a partir das narrativas em tempos históricos distintos mas que tem entre si o cariz daquilo que se apresenta como projeto literário do autor, ficcionalizar Moçambique em seus variados momentos históricos que vão desde a queda do Império de Gaza e seu último imperador até a implementação da reeducação em campos organizados no governo do pós-independência.

A Literatura Africana de Língua Portuguesa no que diz Pires Laranjeira (2001, p.185), tem apresentado em seus autores a narrativa a antecipação da nacionalidade atravessando diversos estágios de evolução, marca dos ficcionistas moçambicanos que em seus projetos literários revisitam a nação em seus variados momentos com suas histórias.

Em Moçambique, Ungulani Ba Ka Khosa entre outros autores cumpre à risca esse requisito ou característica muito comum às literaturas também produzidas nos outros países independentes e ex-colônias de Portugal, se ocuparem os autores em escrever sobre a nação em seus aspectos de reconstrução das identidades e imaginário ideológico.

As narrativas pós-coloniais ao apresentarem um outro modo de dizer sobre a cultura e história local, pois destoam da literatura colonial que se construía com base na representação do europeu civilizado e do africano como aquele perdido nas selvas e carente de civilidade. Ungulani Ba Ka Khosa autor que deve ser estudado e difundido pela crítica da cultura e literária, oferta uma contribuição aos moçambicanos e aos seus leitores estrangeiros uma leitura da sociedade moçambicana perpassada pelas guerras e pelos abusos da colonização, em sua ficção as metáforas da vida e da morte caminham juntas.

As lutas pela independência e a frustração com os governos independentes reforçam e confirmam a ideia de que em muitos países recém-libertos, as democracias ainda frágeis acabam por cometerem atrocidades e abusos sobre os quais a ficção se ocupa de recriar e apontar para reflexões sobre como tem se organizado esses espaços.

Nessa perspectiva, as relações que se dão entre as obras de Ungulani Ba Ka Khosa e a Crítica colonial/Pós-colonial, justificam as leituras que se pode realizar acerca da sociedade moçambicana e convocam às reflexões que se constroem após a visitação da sua ficção assim

como um convite também para conhecer da história factual de Moçambique, desde a colonização ao pós-independência pelo viés da literatura.

3.Considerações Finais

A leitura que se faz neste artigo das obras de Ungulani Ba Khosa, *Gungunhana, Orgia dos loucos e Entre as memórias silenciadas*, reitera a importância da história no entrelaçar e fazer da ficção.

Os costumes e narrativas de Moçambique são a razão dos temas tratados nas obras aqui citadas que vão desde o Império de Gaza, as vozes de um cotidiano permeado pela oralidade e modos de ser dos moçambicanos tanto em processo de colonização como na libertação pela ficcionalização da reeducação no Moçambique pós-independência.

Ungulani Ba Ka Khosa ao fazer oferecer recursos linguísticos, históricos e literários em sua ficção para a apreciação e leituras a partir da crítica colonial, funcionam os seus narradores como amplificadores da história social dos excluídos e marginalizados de Moçambique desde a colonização, processo violento que deixou marcas e emblemas negativos na cultura e na paisagem, seja ela urbana e caótica e no ambiente rural, o qual sendo o espaço de pertença das identidades e culturas de um mundo anterior à colonização, acaba por apresentar uma geografia do medo, seja pelo abandono das vilas que se mostram em ruínas e também pela implementação dos “campos de reeducação” nas florestas e lugares mais ermos o que se confirma em Teresa Manjate (2018,p.18), ao enunciar que o espaço para essas narrativas como categoria de análise, figura como signo ideológico, implícito ou explícito carregado de atributos de natureza social, econômica e histórica.

Seriam os espaços historicamente silenciados vistos na narrativa e recriados por Khosa para retratarem e refratarem tempo e memória, recuperando os interstícios da história que não são visitados por reterem em si lembranças ou reminiscências de dor e sofrimento causados pela colonização e pelas novas ordens de manutenção do poder em voga.

As obras aqui cotejadas são exemplificação das variadas culturas, situações e momentos históricos de Moçambique, os quais nos convocam a lermos os processos políticos que erigiram a nação moçambicana assim como quem teve participação e voz na construção desta sociedade, a qual não pode esquecer que já eram moçambicanos, que processo histórico ou político algum poderia os tornar moçambicanos, eles já ocupavam essa categoria e Ungulani Ba Khosa faz esse regresso à história, revive situações duras e graves para os moçambicanos, as quais são ficcionalizados nas obras aqui em debate.

Compreendemos e destacamos a importância da narrativa de Ungulani Ba Ka Khosa como crítica colonial, por tratar de assuntos que acenam para que não esqueçamos os agravos e violência colonial, que estejamos atentos para que processos virulentos e imbuídos de autoritarismos se imponham ao território moçambicano, causando desconforto e violência àqueles que foram subalternizados pelo processo de colonização, rebaixados e retirados da sociedade para espaços que cindiram os moçambicanos, entre os que estavam aptos para reconstruir a nação e os incapazes banidos e retirados abruptamente de suas famílias e da vida que tinham numa ato “justificado” na palavra reeducação.

Ungulani Ba Ka Khosa em sua ficção, convoca os leitores sejam eles moçambicanos ou estrangeiros a lerem e conhecerem pelas representações e recriações literárias o espaço moçambicano, o qual se apresenta com forte presença dos elementos sociais: história e memória, oralidade e as lutas pela libertação, tão necessários para que as sociedades se reconheçam e tragam das camadas mais profundas à superfície, os silêncios e as vozes obliteradas e que precisam serem ouvidas e conhecidas.

4.Referências bibliográficas:

FORNOS, José Luís. Pós-colonialismo e literatura: notas sobre a identidade na narrativa de Luís Cardoso. **Revista Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, vol.5, n.10, p.116-133,2013.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Entre as memórias silenciadas**, Alcance, Maputo,2013.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Orgia dos loucos**. São Paulo, Kapulana, 2016. Série – Vozes da África.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Gungunhana; Ualalapi: as mulheres do imperador**. São Paulo, Kapulana, 2018. Série – Vozes da África.

LARANJEIRA, PIRES. Mia Couto e as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. **Revista de Filologia Românica**.Coimbra,185-205, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

MATA, Inocência Pepetela: um escritor (ainda) em busca da utopia. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v.3, n.5, p. 243-259.1999.

MANJATE, Teresa. Entre memórias silenciadas de Ungulani Ba Ka Khosa e Virgem Margarida de Licínio de Azevedo: espaços e memórias. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. Braga, v.6, n.1,2019, p.51-68.

MORAIS, Eliel Januário de. Ungulani Ba Ka Khosa e o fim dos mundos em Orgia dos loucos. **Metamorfoses**, Rio de Janeiro, vol.17, n.1, p. 223-234, 2020.

OWEN, Hilary. As mulheres à beira de um império nervoso na obra de Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa. **Via Atlântica**. São Paulo, n.17. p. 43-56, 2010.

NOA, Francisco. **Império, Mito e Miopia. Moçambique como invenção literária**. Col. Estudos Africanos. Editorial Caminho: Lisboa, 2002.

NOA, Francisco. **Perto do fragmento e da totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo**. São Paulo: Kapulana, 2015.

PINHEIRO, Vanessa Rimbau. Entrevista com Ungulani Ba Ka Khosa. In: **Cânones e Perspectivas literárias em Moçambique**. (Org) PINHEIRO, Vanessa Rimbau. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p 205 – 229.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Emanuel Lima Silva; PARADISO, Sílvio Ruiz. O pós-colonialismo e a moçambicanidade: uma introdução à literatura de Moçambique. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, n.32. p.1-10,2019.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de **trabalho** em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.51, N.1.p.177-214,2008.

Recebido em: 08/05/2021
Aprovado em: 22/07/2021